jovem de futuro

boletim Jovem de Futuro
ed. 06 - 28 de fevereiro de 2014

RADAR

Atenção, professor! Cursos a distância sobre Metodologias Jovem de Futuro abrem inscrições

Professor, já imaginou estudar as Metodologias Jovem de Futuro por meio de recursos interativos como vídeos e animações? Além disso, realizar os cursos onde se sentir mais à vontade, como em casa ou na própria escola? Então, não perca a oportunidade de solicitar para o diretor da escola onde você trabalha para fazer a sua inscrição para os cursos a distância disponibilizados pelo Instituto Unibanco.

As inscrições podem ser feitas entre os dias 1 e 21 de março no Sistema de Gestão de Projetos (SGP), que integra a Plataforma Jovem de Futuro. São 30 mil vagas para o primeiro semestre. Podem ser inscritos professores dos cinco estados parceiros do Programa Ensino Médio Inovador/ Jovem de Futuro (ProEMI/JF). Cada educador poderá ser inscrito em três cursos. O número de vagas ofertadas varia por estado.

CURSOS DISPONIBILIZADOS NO 1º SEMESTRE DE 2014:

Metodologias Pedagógicas

Entendendo o Meio Ambiente Urbano
Entre Jovens – Língua Portuguesa (1º e 3º anos)
Entre Jovens – Matemática (1º e 3º anos)
Introdução ao Mundo do Trabalho
Jovem Cientista
Valor do Amanhã na Educação

Metodologia de Mobilização e Articulação

Agente Jovem

Os cursos serão aplicados por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que também integra a Plataforma Jovem de Futuro, e trará oito Metodologias Pedagógicas, que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem, e uma Metodologia de Mobilização e Articulação, que fomenta a participação da comunidade no ambiente escolar e fortalece as relações com o entorno.

Além de aulas interativas, os professores matriculados terão acesso a um painel de avisos com informações para o bom andamento do curso, um fórum para poder tirar dúvidas, uma biblioteca virtual com materiais que compõem a Metodologia e um guia de estudos com orientações sobre a execução dos cursos. Já os supervisores e gestores terão acesso ao Bloco Informativo, que contém uma síntese das Metodologias Jovem de Futuro e algumas premissas para a implantação nas escolas.

O curso será realizado de 7 de abril a 11 de maio e dividido em quatro módulos: panorama da Metodologia; discussão de temas relacionados ao conteúdo da Metodologia; passo a passo para a implementação da Metodologia na escola; e reflexão sobre a prática realizada na escola. A carga horária total do curso é de 40 horas e terá o acompanhamento de um tutor especializado.

O professor poderá avaliar o conteúdo e registrar seus comentários, críticas e sugestões. Também poderá imprimir o seu termo de conclusão, caso finalize o curso com a frequência mínima de 75%, realize a Avaliação de Qualidade e alcance nota superior a sete na média das atividades avaliativas.

Está com dúvida?
Supervisores, gestores escolares e professores contam com o auxílio do Fale Conosco, disponível no AVA e nos telefones abaixo:

FALE CONOSCO

Ceará	(0XX85) 4007-1202
Goiás	(0XX62) 4007-1202
Mato Grosso do Sul	(0XX67) 4007-1202
Grande São Paulo	(0XX11) 3543-8396
São Paulo Interior	(0XX11) 4007-1202
Pará	(0XX91) 4003-6833
Piauí	(0XX86) 4003-6833

Atendimento das 9h20 às 22h, de segunda a sexta-feira

Formação no Piauí capacita 570 gestores escolares

Cerca de 570 profissionais da educação participaram da formação "Introdução ao Programa Ensino Médio Inovador/Jovem de Futuro (ProEMI/JF)", promovida pelo Instituto Unibanco. O evento aconteceu entre os dias 18 e 21 de fevereiro, em Teresina (PI).

A capacitação debateu com os profissionais da educação que compõem o Trio Gestor – que normalmente reúne no Piauí diretores, diretores adjuntos e coordenadores como responsáveis pelo Jovem de Futuro nas escolas – temas como políticas de educação para o Ensino Médio, conceito de juventudes, a estrutura e o passo a passo do Jovem de Futuro. Além disso, foram apresentadas a definição, a importância e o papel de cada envolvido no projeto.

O secretário de Educação do estado, Átila Freitas Lira, e o superintendente do Ensino Médio, Edjofre Coelho, estiveram presentes na formação. Escolas que já integram o ProEMI/JF também participaram. Elas apresentaram projetos e atividades que foram desenvolvidos por meio do programa. O objetivo foi apresentar aos participantes informações que possibilitem a implementação e o desenvolvimento do projeto nas suas escolas, proporcionando o redesenho curricular e fortalecer a gestão, com foco na melhoria dos resultados de aprendizagem.

O estado do Piauí participa do ProEMI/JF desde 2012 e conta atualmente com 412 escolas integradas ao programa. Neste ano,177 escolas irão ingressar no programa.

Instituto Unibanco lança guia com orientações educacionais e profissionais para estudantes do Ensino Médio

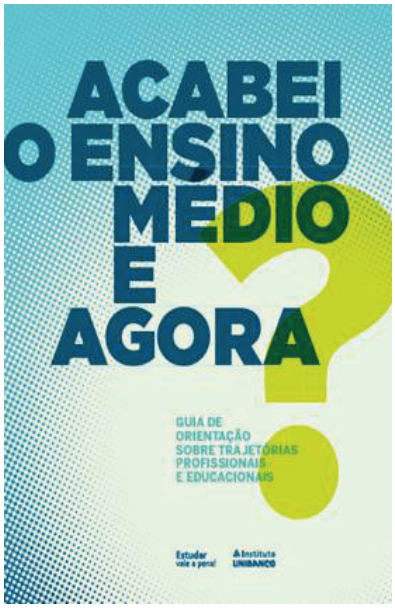
O que fazer depois de concluir o Ensino Médio? Enem, vestibular, trabalhar... Com o objetivo de ajudar os jovens a entender as principais opções educacionais e profissionais pós Ensino Médio e fazer escolhas de maneira mais acertada, o Instituto Unibanco produziu o guia "Acabei o Ensino Médio. E agora?".

O material integra a ação voluntária Estudar Vale a Pena, realizada pelo Instituto Unibanco. Desenvolvida por colaboradores do conglomerado Itaú Unibanco, o projeto busca sensibilizar jovens do Ensino Médio de escolas públicas sobre os benefícios de concluir os estudos. Os voluntários passam por uma formação prévia e recebem o material para as aplicações, que contam, além do guia, com jogos e dinâmicas em sala de aula.

"O objetivo da cartilha é informar e facilitar caminhos para os jovens. Às vezes, os estudantes perdem muito tempo buscando responder essas dúvidas", explica Fabiana Mussato, do Voluntaria do Instituto Unibanco.

Em 2014, o projeto será realizado em escolas dos estados do Ceará, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. Dessa maneira, algumas informações contemplam essas localidades. Porém, a maior parte é de âmbito nacional. Vale a pena conferir!

Para baixar o Guia de Orientação para Jovens, **acesse: http://bit.ly/1cn41T8**



Jovens relembram como foi participar do Jovem de Futuro

Sempre fui muito calado e reservado, nunca fui do tipo de pessoa que chega e 'tamram!'. Então, me tornar Agente Jovem me fez ser compelido a superar essa dificuldade. Hoje, me sinto mais seguro. Sei que tenho capacidade. Não preciso mais ficar nervoso ou tímido ou me esconder atrás de desculpas e recados quando tenho que impor meu ponto de vista ou algo do tipo. Sempre que tinha que falar em público dissimulava alguma dor de garganta ou mal estar.

Meu sonho é entrar em uma faculdade federal daqui da cidade mesmo. Queria fazer Engenharia Civil.

Eu faço parte do Jovem de Futuro, sou Agente Jovem. Quando eu cheguei, já fiquei sabendo de muitos alunos que tinham problema, tinham dificuldades em relação aos estudos e as notas eram relativamente baixas e depois que o projeto começou a ser desenvolvido, as notas melhoraram satisfatoriamente. Os professores até elogiaram, falaram que os alunos tomaram um pozinho mágico, pois estão melhorando as notas.

Não são os melhores alunos que estão fazendo esse projeto. São os alunos que às vezes nem ligavam para a aula, que entraram no projeto e melhoraram.

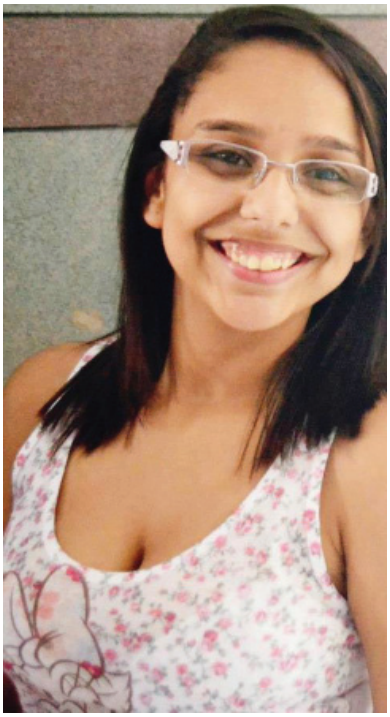
Eu acho que com essas oportunidades é cada vez mais fácil de você atingir seu sonho e realmente ser um Jovem de Futuro. →

Edmundo Martins Batista, 16 anos, estuda na E.E. Ramona da Silva Pedroso, Dourados (MS)

Ser Agente Jovem era extraordinário, pois você adquire a consciência de que tem como mudar as coisas a sua volta, além de descobrir em si muitas qualidades que acabam passando despercebidas. Você se descobre competente e corajoso.

Ao jovem que está vivendo hoje o projeto Jovem de Futuro, quero dizer que não pense em desistir, pois não existe nada mais engrandecedor que perseverar em algo bom e no fim obter os resultados, pois perseverar em algo ruim é fácil. Então, saiba que os resultados que você vai obter com o Jovem de Futuro e com a educação ficarão marcados em você para sempre. >>>

Lucas Anderson Neves de Melo, 18 anos, estudou na CEEP – Unidade Escolar Lourival Parente, Teresina (PI)



Laísa Rodrigues Canquerini, 19 anos, estudou na Escola Estadual Simon Bolivar, São Paulo (SP)

O projeto contribuiu muito para o meu desenvolvimento pessoal e estudantil. Melhorou na relação escolar, na nova visão sobre o futuro, na crença no alcance dos objetivos após o Ensino Médio. Agora, o projeto ajuda de uma maneira mais pessoal e futurista, com o aprendizado daquele tempo, nasceu a vontade de fazer algo pela juventude também. Penso em futuramente ter uma relação mais próxima com jovens de escolas publicas algo que faça os jovens crer que podemos aprender que as oportunidades não acabam quando terminamos o Ensino Médio.

Antes do Jovem de Futuro, eu estava em dúvida em qual carreira seguir. Se eu iria conseguir entrar em uma boa faculdade. Afinal, eu estava me formando em uma escola pública, o que para muitos não era algo muito bom. Durante o Jovem de Futuro escolhi que queria fazer um curso ligado à comunicação, já que no projeto a forma mais utilizada para alcançar os jovens eram ações comunicativas (jornal mural, eventos, redes sociais e rádio escolar). Então comecei a participar de um grupo chamado Repórter Aprendiz, na Associação Cidade Escola Aprendiz, que tinha parceria com o Jovem de Futuro. Finalizando essa etapa, conheci o Instituto Criar, e escolhi que queria utilizar essa comunicação junto com o cinema, e assim segui carreira em Produção de TV e Cinema.

As melhores experiências com o Jovem de Futuro foram as produções do evento que chamávamos de SuperAção, onde os Agentes Jovens e alunos se juntavam para mostrar para a comunidade todos os trabalhos que vínhamos realizando com o projeto, o sentimento de dever cumprido era inexplicável.

Jovem de Futuro transforma relação dos estudantes com escola

O que pode mudar na vida de um estudante que participa do Jovem de Futuro? Para Harrison dos Santos, 19 anos, ex-aluno da Escola Mario Kozel Filho, localizada em São Paulo (SP), e que viveu o projeto por três anos, as aulas ativas, os eventos e o protagonismo juvenil são alguns dos fatores que fazem com que o jovem viva uma mudança.

"Tanto os alunos mais bagunceiros até os mais nerds, sempre tiveram o desejo de ter aulas mais dinâmicas e também eventos acontecendo na escola. Sonhavam, principalmente, em poder fazer isso com suas mãos, sem precisar esperar a atitude de um professor ou diretor. Quando o projeto iniciou e os estudantes começaram a fazer parte, o envolvimento e desenvolvimento de toda comunidade escolar aumentou e fez com que todos ali se sentissem parte daquilo", lembra o ex-aluno.

Harrison, que atualmente é fotógrafo, produtor e escritor de uma revista, diz que ficou com receio quando o Jovem de Futuro chegou à escola, mas quando começou a participar, viu as melhorias e o modo que o aluno foi colocado como agente principal e mobilizador escolar.

"Entrei no projeto porque precisava que a mudança acontecesse na escola. Como eu venho de uma educação onde se deve aproveitar ao máximo os estudos, o retorno do projeto não foi tanto para mim, mas sim para o restante dos alunos que não tinham tanto interesse assim em participar das atividades da instituição. O Jovem de Futuro mostrou para mim que o depois da escola não era apenas trabalho, que tinha outra etapa de mais estudos, e que isso era possível para um jovem da periferia", explica.

> "Entrei no projeto porque precisava que a mudança acontecesse na escola"
>
> Harrison Ferreira dos Santos, 19 anos, ex-aluno da Escola Mario Kozel Filho (SP)

A primeira metodologia de mobilização do Jovem de Futuro que a Escola Mario Kozel Filho colocou em prática foi a SuperAção. Os alunos produziram um desfile com roupas feitas com materiais recicláveis para conscientizar a escola e a comunidade sobre a sustentabilidade. "Dezenas de alunos gostaram de ajudar na produção e até de serem as modelos para o desfile. Foi nesse momento que meu peito encheu e eu percebi que eles realmente queriam e que eu não estava sozinho", relata Harrison.

> "Aquele paradigma de que 'saiu da escola, acabou', não existiu mais. Os alunos se sentem parte da história do colégio"
>
> Harrison Ferreira dos Santos, 19 anos, ex-aluno da Escola Mario Kozel Filho (SP)

Outra ação feita pela escola foram gincanas, que acabaram por envolver todos os alunos, e premiou a turma vencedora com um dia em um sítio. "Eles se interessaram pelo prêmio e nós, Agentes Jovens e professores, usamos isso para avaliação deles. Nas provas da gincana, rolava de tudo, desde corrida do saco, até e principalmente, perguntas de conhecimentos gerais, que caíram nas matérias do ano que rolou", lembra o ex-Agente Jovem.

Segundo Harrison, quando a sua turma terminou o Ensino Médio, a maioria dos alunos conseguiu entrar na faculdade e continuou em contato com a escola. "Aquele paradigma de que 'saiu da escola, acabou', não existe mais. Os alunos se sentem parte da história do colégio, parte do melhor período dela, e querem sempre visitá-la pra ver se essa história continua".

"Não acredito ser possível construir um Ensino Médio de qualidade social abrindo mão do diálogo com docentes e estudantes".

Garantir maior equidade no acesso a bens materiais e simbólicos para todos os jovens. Esse é o maior desafio das políticas e ações governamentais e não governamentais brasileiras segundo Raquel Souza, mestre em educação pela Universidade de São Paulo (FE-USP) e que atua em projetos com foco na educação de jovens, especialmente do Ensino Médio. Para isso, é essencial garantir processos democráticos e participativos de construção e formulação do currículo que envolvam tanto os jovens, quantos os professores.

Segundo Raquel Souza, pesquisadora do tema juventude, é essencial garantir processos democráticos e participativos de construção e formulação do currículo.

Na conversa com o Boletim Jovem de Futuro, Raquel, que também é assessora da organização não governamental Ação Educativa, tratou desses e outros assuntos, como a necessidade do Ensino Médio encontrar sua identidade, atratividade da escola e diversidade. Confira!

Quais são os principais desafios que o Brasil deve enfrentar para possibilitar o desenvolvimento das suas juventudes?

Os desafios não são poucos. O primeiro e mais importante é garantir maior equidade no acesso a bens materiais e simbólicos para todos os jovens. A sociedade brasileira é fortemente marcada por desigualdades e essa desigualdade se expressa na possibilidade ou impossibilidade de moças e rapazes viverem seus processos formativos, bem como suas experiências nos diferentes âmbitos da vida social de modo digno e pleno.

Como a escola pode contribuir nesse processo? Quais os principais problemas atuais, principalmente olhando para o Ensino Médio?

A escola não resolve todos os problemas enfrentados pela juventude brasileira. Acho que é importante deixar isso assinalado. Os jovens enfrentam dificuldades para satisfazer seus direitos econômicos, sociais, culturais, políticos etc. o que demanda políticas em diferentes domínios. As políticas educacionais que se concretizam na escola é um deles.

As matrículas do Ensino Médio se expandiram de modo expressivo nos últimos 20 anos. A questão é que essa expansão se deu sem que houvesse uma reflexão aprofundada e sistemática sobre as demandas e necessidades educativas dessa população que chega à escola e, mais do que isso, sobre quais são os objetivos do Ensino Médio. Que escola contribui para equalizar assimetrias e desigualdades? Qual currículo e práticas?

Soma-se a isso o fato de que esse processo de expansão se deu em meio a políticas públicas que reverberaram numa precarização da escola e, especialmente, das condições de trabalho dos profissionais da educação.

Além da faixa etária, como podemos definir o jovem? Ou os jovens?

A definição da faixa etária é um importante sinalizador, especialmente para a definição de políticas e ações governamentais ou não governamentais. No caso brasileiro, são jovens os indivíduos com idade entre 15 e 29 anos, considerando as seguintes subdivisões: 15 a 17 anos são jovens-adolescentes; 18 a 24 anos jovens propriamente ditos; e 25 a 29 anos jovens-adultos.

No entanto, a faixa etária é um elemento insuficiente. Somado à faixa etária é preciso pensar em dois outros elementos. Um primeiro é na condição juvenil e outro é na situação juvenil.

Com a ideia de condição juvenil estamos querendo chamar atenção para o fato de que a juventude é resultado de uma construção social e histórica. Nem sempre e nem em todas as sociedades existe/existiu a ideia de que os ciclos da vida podem ser demarcados a partir de marcadores como infância, juventude, fase adulta, velhice. Esses marcadores são resultados de uma construção, de uma elaboração social.

Na sociedade moderna ocidental a juventude aparece como uma fase do ciclo de vida fortemente marcada pela noção de preparação para a vida adulta. A complexidade da sociedade e as possibilidades abertas pelo desenvolvimento capitalista fizeram emergir a ideia de que era preciso protelar a entrada na vida produtiva das novas gerações, dedicando um período da vida desses sujeitos à formação.

Ainda que essas ideias sejam orientadoras dos modos de vida dos sujeitos concretos, na prática, as trajetórias juvenis são marcadas por experiências diversas; e a condição juvenil, especialmente no caso brasileiro, é vivida de modo desigual por jovens segundo suas posições na estrutura social de nosso país (segundo gênero, classe social, raça/cor, região de moradia, viver no centro ou na periferia, escolaridade etc.). Por isso, também é importante considerar que os jovens vivem sua condição juvenil segundo diferentes situações.

Outra questão diz respeito ao fato de que a juventude é um período significativamente longo (pensemos na definição do estado brasileiro de 15-29 anos – 14 anos) para ser compreendida apenas na chave da preparação. Nesse sentido, também podemos pensar a condição juvenil como uma fase em si, não de preparo, mas de vivência de experiências no tempo presente.

Observando todo esse cenário, o que pode ser feito para a escola ser mais atrativa? Como você analisa o atual currículo do Ensino Médio?

Penso que um primeiro desafio diz respeito à construção de uma identidade para a escola de Ensino Médio que seja traduzida em seu currículo. Atualmente, os jovens tendem a perceber o Ensino Médio como mera continuidade, quando não "repeteco" do Ensino Fundamental. Não há identidade!

Agora, não acredito ser possível construir um Ensino Médio de qualidade social abrindo mão do diálogo com docentes e estudantes. A escola só vai ser atrativa para professores e estudantes se estes puderem dizer o que pode fazer da instituição escolar um espaço que responda a seus anseios. Por isso, acredito muito que processos democráticos e participativos de construção e formulação do currículo.

Ainda sobre o currículo, o Ensino Médio, segundo a legislação brasileira, deveria oferecer elementos básicos que permitissem ao educando uma formação para o trabalho, para a continuidade dos estudos e para a cidadania. Mas como

"Os jovens tendem a perceber o Ensino Médio como mera continuidade, quando não 'repeteco' do Ensino Fundamental. Não há identidade"

esses objetivos estão expressos no currículo? Responder a essa pergunta implica, entre outras coisas, a refletir na realidade e as assimetrias que marcam a possibilidade de qualquer jovem orientar sua vida por um desses caminhos.

"A escola só vai ser atrativa para professores e estudantes se estes puderem dizer o que pode fazer da instituição escolar um espaço que responda a seus anseios"

Como um projeto pedagógico deve tratar a diversidade juvenil? Como trabalhar no sentido de promover a equidade e respeitar a diversidade?

Temos ficado presos aos dados e estatísticas educacionais que indicam se este ou aquele jovem foi bem nesta ou naquela avaliação externa, se esta ou aquela escola produziu ou atingiu esta ou aquela nota numa escala.

Se quisermos colocar no centro da formação dos jovens, então, essas questões também devem estar no centro do processo educativo. Isso não significa abandonar os conteúdos das disciplinas escolares tradicionais, mas não podemos lidar com o respeito à diversidade e a promoção da equidade como temas transversais do currículo.

Além disso, para além do que é ensinado em sala de aula, questões relacionadas às atitudes e relacionamentos na escola passam a ter uma importância gigantesca. Afinal de contas, não adianta fazer altas discussões sobre os desafios para construir uma sociedade livre de práticas racistas se o cotidiano da escola é permeado por práticas que evidenciam uma forte presença de atitudes e condutas de discriminação racial.

Como a escola pode possibilitar uma maior participação dos jovens? Que tipo de impacto isso pode trazer?

Penso que a escola pode envolver os jovens de diferentes maneiras, como por exemplo, realizando processos de consulta ou diagnóstico sobre a escola e as práticas educativas; mobilizar os jovens para que junto com os professores construam propostas de intervenção; estimulá-los a construir as regras de convívio na escola e na sala de aula; incentivá-los a se engajarem em ações de luta por educação e por outros direitos.

Do ponto de vista educativo esses processos são altamente formativos e abrem espaço para que os jovens construam experiências de participação efetiva na escola e nas suas relações comunitárias. Além disso, penso que esse é um caminho profícuo para que a escola encontre respostas sobre qual é a escola de Ensino Médio que responde aos anseios e necessidades de seus alunos jovens.

Quais medidas podem ser tomadas para melhorar o acesso do jovem ao mercado de trabalho? É possível desenvolver ações que estimulam trabalhos alternativos ao mercado mais tradicional, por exemplo, empreendedorismo, cooperativismo, coletivos, trabalhos ligados à cultura?

Em 2010, foi aprovada a Agenda Nacional de Trabalho Decente para Juventude. Trata-se de um documento que apresenta quatro prioridades para a satisfação dos direitos dos jovens ao trabalho e a uma série de linhas de ação vinculadas a cada uma dessas prioridades. Acredito que há no referido material um conjunto significativo de desafios e propostas para superá-los. Link: **http://bit.ly/1esXNBe**

SAIBA MAIS SOBRE

Que tal aprofundar um pouco o debate sobre Juventudes. Confira as sugestões de leitura que o Boletim Jovem de Futuro selecionou:

- ABRAMO, Helena W. Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. Scritta, 1994.
- ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary Garcia (coord.). Juventude, Juventudes: o que une e o que separa. UNESCO, 2006.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais. Ponto urbe, 2007. Disponível em: http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2012/02/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira.pdf
- SAE (2013). Juventude levada em conta. 2013. Disponível em: http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Juventude-Levada-em-Conta.pdf
- SPOSITO, Marília Pontes (coord). Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Argvmentvm, 2009. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual_0.pdf e http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/EstadoArte-Vol-2-LivroVirtual_0.pdf

PDE | ENSINO MÉDIO INOVADOR

jovem de futuro

Instituto UNIBANCO

Governo do Estado do Ceará

Goiás

SED Mato Grosso do Sul

Governo do Pará

seduc SEDUC Piauí

Ministério da Educação

Secretaria de Assuntos Estratégicos

Governo Federal Brasil País rico é país sem pobreza

jovem de futuro

Instituto UNIBANCO

Governo de Minas Educação

Governo do Rio de Janeiro Secretaria de Estado de Educação

Governo do Estado Rio Grande do Sul Secretaria da Educação

Governo do Estado de São Paulo Trabalhando por você